

Protestos repudiam terrorismo israelense

Marchas e protestos no mundo inteiro repudiam terrorismo israelense

Manifestações tomaram as ruas de várias cidades em todas as partes do mundo para repudiar e exigir o fim da agressão israelense aos povos do Líbano e da Palestina.

O maior dos protestos ocorreu em Londres, no último sábado (21), onde dezenas de milhares de ingleses saíram às ruas da capital para condenar os ataques de Israel e também para repudiar a postura do governo da Grã-Bretanha de unir-se aos EUA ao não exigir um cessar-fogo imediato na região.

“Eixo do mal: Bush, Blair, Olmert”, dizia um cartaz, referindo-se aos governantes dos EUA, da Inglaterra e de Israel.

“Vendo a devastação em nossas telas de televisão nos últimos dias, é impossível não considerar a resposta israelense uma enorme reação desproporcional”, disse Yasmin Ataullah, porta-voz da Iniciativa Muçulmana Britânica, um dos grupos que organizaram o comício.

Atos ocorreram também em cidades inglesas como Birmingham, Manchester, Glasgow, Newcastle e Sheffield.

Outra grande manifestação ocorreu na capital egípcia, Cairo, onde milhares de pessoas aproveitaram a sexta-feira – que geralmente é usada pelos muçulmanos para orações – para protestar contra a invasão do Líbano pelas tropas de Olmert.

“Sunitas ou xiitas, não há diferença; todos unidos para resistir ao inimigo”, afirmou no protesto Sameh Ashour, líder da União Árabe de Juristas do país. “Resistência é a única solução”.



Em Amã, na Jordânia, também uma multidão exigiu o fim da agressão na capital Amã.

Além dessas cidades, a solidariedade mundial ao povo libanês se espalhou por Berlim (Alemanha), Tel Aviv (Israel), Moscou (Rússia), Amsterdã (Holanda), Chicago (EUA), Karachi (Paquistão), Praga (Rep. Tcheca), Damasco (Síria), Sidney (Austrália), Cartum (Sudão), Jacarta (Indonésia), Copenhague (Dinamarca), Estocolmo (Suécia) e Bagdá (Iraque).

COVARDIA - Os covardes ataques israelenses já causaram a morte de pelo menos 373 pessoas no Líbano, tendo deixado ainda meio milhão de pessoas desabrigadas no país.

Em Cartum, o presidente do Sudão, Omar al-Bashir, acusou Israel de colocar toda a população libanesa no alvo: “O que está ocorrendo no Líbano não é uma guerra contra o Hizbollah, mas sim uma guerra genocida em que as forças israelenses estão atingindo civis”, afirmou Omar Bashir.

SÍRIA - O ministro de Comunicação da Síria acusou Israel de “terrorismo de Estado” e “crimes de guerra” em sua ofensiva ao Líbano. “A agressão israelense contra o Líbano almeja dividir o país, quebrar a sua resistência nacional e dominá-lo”, disse Mohsen Bilal em entrevista à imprensa.

Durante o protesto de Damasco, capital síria, o líder religioso cheique Salah Kaftaro afirmou que os fatos recentes revelam “a tentativa de destruir nossa cultura árabe, ocupar nossas terras e matar o nosso povo com as mais sofisticadas armas norte-americanas”.

Em Moscou, o protesto aconteceu em frente à embaixada israelense. Os manifestantes portavam bandeiras libanesas e cantavam contra a ocupação israelense.

Na Indonésia os manifestantes acusaram Israel de atrocidades contra os civis. “Abaixo Israel!”, entoava a multidão.

“Israel bebe o sangue de nossas crianças”, afirmava um dos cartazes na marcha que reuniu milhares de pessoas em Berlim. “Olmert e Bush são os verdadeiros terroristas”, dizia outro cartaz.

Manifestações também ocorreram em cidades dos EUA, como Chicago e São Francisco.

A coalizão norte-americana ANSWER (sigla em inglês para Aja Agora para Acabar com a Guerra e o Racismo) está convocando uma marcha nacional para tomar as ruas de Washington no próximo dia 12 de agosto: “O real propósito desta guerra está ligada à ocupação ao Iraque. O governo Bush e seu aliado israelense estão tentando reorganizar o roubo do petróleo do Oriente Médio”. (Rodrigo Cruz/HP) (*Agência CUT de Notícias, 27.07.2006*)

Contra o terrorismo israelense, pela paz

Rosane Bertotti é secretária nacional de Comunicação da CUT

Os covardes bombardeios promovidos por Israel contra a população civil no Líbano e na Palestina, com o assassinato em massa de centenas de pessoas e a destruição de moradias, centrais elétricas, pontes, estradas e aeroportos, são uma afronta à Humanidade.



Condenamos a política de terrorismo de Estado, que se utiliza dos mais modernos armamentos para massacrar indiscriminadamente idosos, mulheres e crianças, tendo por base a concepção fascista da punição coletiva. O crescente número de mortos e feridos, somado à destruição da infra-estrutura física e econômica dos árabes, estão provocando uma crise humanitária de enormes proporções, o que só serve para agravar ainda mais a já caótica situação do Oriente Médio.

Para nós, além do dever moral de levantar a nossa voz contra a barbárie e em defesa do diálogo para a busca da paz entre os povos, a agressão israelense nos toca ainda mais de perto, pois brasileiros estão sendo assassinados por mísseis enquanto dormem, obrigados a fugir em caravanas de ataques que têm por único objetivo levar a insegurança e o medo aos povos árabes.

Em pleno século XXI, é inaceitável a manutenção de um regime de discriminação e segregação racial, que se utiliza da força para se sobrepôr aos direitos humanos, acordos e convenções internacionais. Da mesma forma, repudiamos o aval dado a estes crimes pelo governo norte-americano, que impede uma tomada de posição mais dura contra a truculência israelense.

Em defesa da soberania e da auto-determinação dos povos, a CUT se manifesta de forma enfática pelo fim imediato dos bombardeios e tomará as ruas e praças do país, ocupando todos os espaços e fórum democráticos, nacionais e internacionais, para que a paz e a negociação prevaleçam.

Nota : As fotos reproduzidas acima mostram a destruição física de Beirute. Deixamos de colocar as chocantes fotos das pessoas (muitas crianças) mortas nos bombardeios. Existem muitas páginas na Internet retratando essas cenas revoltantes. As fotos desta pagina são de um site libanês fechado. (<http://fromisrael2lebanon.com/>) Elas podem ser encontradas num arquivo 'zipado' em <http://cryptome.org/FromIsraelToLebanon.zip>

Hezbollah não é brinquedo da Síria e do Irã

Reza Aslan*

Ao longo das avenidas arborizadas nos subúrbios ao sul de Beirute, cartazes mostram o impetuoso líder espiritual do Hezbollah, Hassan Nasrallah, ao lado dos presidentes da Síria, Bashar Assad, e do Irã, Mahmud Ahmadinejad, tendo ao fundo o cintilante Domo da Rocha. Essas imagens podem dar a impressão de que esses três avatares do poder islâmico formam uma espécie de "eixo", cuja finalidade última é arrebatrar a Terra Santa de Israel.

Não surpreende, portanto, que as potências ocidentais considerem automaticamente que Damasco e Teerã são responsáveis pelas maquinações do Hezbollah. Afinal, Síria e Irã exercem uma enorme influência sobre a milícia libanesa e não apenas porque fornecem a ela centenas de milhões de dólares em ajuda econômica e militar. No entanto, é um grave exagero afirmar, como vem repetindo a Casa Branca, que o Hezbollah é um mero brinquedo da Síria e do Irã. E não se pode dizer que o atual conflito entre Israel e Líbano necessariamente tenha as impressões digitais de Assad e Ahmadinejad.

Nos últimos anos o Hezbollah alcançou enorme sucesso político ao se transformar de agente de regimes estrangeiros em agente da reforma interna. Conseguiu seu mandato popular no Líbano por meio de uma plataforma política centralizada unicamente na política nacional. Seus candidatos argumentam que as obrigações cívicas e um governo responsável estão acima da teologia ou da imposição da lei islâmica.

Isso se deveu em parte a uma campanha inteligente, uma vez que os libaneses formam uma das populações mais secularizadas no mundo árabe.

A verdade é que o Hezbollah nunca defendeu uma ideologia pan-nacionalista. Embora criado pelo Irã xiita e sustentado pela Síria árabe, o movimento cuidadosamente evitou quaisquer associações pan-arábicas, pan-islâmicas ou mesmo pan-xiitas. (Vale a pena observar que o Hezbollah não deu nenhuma assistência significativa, financeira, militar e mesmo espiritual para seus irmãos xiitas no Iraque).

Quando a Síria foi obrigada a sair do Líbano, depois do assassinato do primeiro-ministro Rafic Hariri, o Hezbollah mobilizou-se em apoio ao antigo aliado e patrão. Mas o mais notável na mobilização não foram os sentimentos pró-Síria do grupo e sim sua descarada exibição de nacionalismo libanês. Os 500 mil partidários do Hezbollah que inundaram Beirute em março de 2005 ostentaram as cores da bandeira do Líbano e não da Síria. E desde a saída da Síria o Hezbollah continua a defender uma plataforma dedicada a proteger o território libanês, preservar a identidade libanesa e trabalhar com todas as linhas sectárias e religiosas para promover a unidade libanesa, formando até uma parceria com o líder cristão do Movimento Patriótico Livre, Michel Aun.

A questão é que, apesar de suas táticas terroristas, o Hezbollah conseguiu se reformular como partido político legitimamente sancionado. Seria improvável que se arriscasse a perder apoio popular aparentando favorecer seus benfeitores estrangeiros, em detrimento de seus componentes domésticos.

Por isso são equivocadas as afirmações do governo Bush de que as investidas do Hezbollah no norte de Israel foram feitas por ordem da Síria, que pretende semear a discórdia na região, ou do Irã, que quer desviar a atenção internacional do seu contestado programa nuclear.

Qualquer política, mesmo a islâmica, é local: não é preciso observar mais além da dinâmica interna do Líbano para entender por que o Hezbollah cruzou de forma tão irrefletida a fronteira e atacou as tropas israelenses. A libertação do Líbano da ocupação israelense e da intromissão síria tornou obsoleta a razão de ser do Hezbollah como milícia armada responsável pela proteção das fronteiras.

Com os apelos cada vez mais intensos, dentro do Líbano e entre a comunidade internacional, para o desarmamento do grupo, determinado pela Resolução 1.559 das Nações Unidas, a ala militar do Hezbollah sentiu-se obrigada a mostrar sua importância permanente como baluarte contra a agressão israelense. As novas investidas de Israel contra Gaza deram ao grupo a oportunidade perfeita para provar isso.

Pode-se argumentar que essa missão tola do Hezbollah foi um erro tático e só prejudicará o apoio público que o grupo tem no Líbano e no mundo árabe. Na verdade, as críticas ao Hezbollah que partem de capitais árabes indicam que o movimento exagerou grosseiramente.

Contudo, o grupo provavelmente sairá deste conflito mais forte do que antes. Se existe uma constante nesta região instável, é a de que se deve geralmente esperar que Israel responda com força exagerada às ameaças a sua soberania. O bombardeio de aeroportos, pontes, casas, portos, torres de TV, usinas elétricas e até uma fábrica de laticínios no Líbano varreu da memória coletiva do povo libanês quem começou esta confusão e mais uma vez a raiva concentrou-se no Israel agressivo. Nasrallah não podia ter criado um roteiro melhor.

Isso tudo não quer dizer que Síria e Irã não tenham um papel importante no conflito. Tanto Assad como Ahmadinejad ganham muito com a escalada da violência na região. Mas é muita negligência do Ocidente afirmar que Síria e Irã começaram esta guerra e, portanto, seria sua responsabilidade acabar com o banho de sangue. Nesse ínterim, muitas vidas inocentes foram perdidas, dos dois lados, e a infra-estrutura civil do Líbano mais uma vez ficou reduzida a frangalhos.

Esta não é uma guerra em nome de terceiros, pelo menos ainda não. Mas sem uma intervenção internacional e a imposição de um cessar-fogo imediato, o que começou como um conflito regional entre Israel e Líbano pode rapidamente transformar-se numa guerra incontrolável e sangrenta, com conseqüências devastadoras. E que beneficiará os extremistas bem além da Síria e do Irã.

* Reza Aslan, americano-iraniano, é autor do livro 'No God but God: The Origins, Evolution and Future of Islam'. Escreveu este artigo para 'Global Viewpoint' (*O Estado de São Paulo*, 26.07.2006)

O rabo que abana o cachorro

Luiz Weis

É comovedora a inocência da América liberal. Escrevendo no New York Times de anteontem, o colunista Bob Herbert criticou o governo americano por não ter, nas suas palavras, puxado a manga e murmurado ao ouvido de Israel, assim que começou a devastar o Líbano: "OK. Nós entendemos. Mas chega. A carnificina tem de cessar. Acharemos um meio melhor." É o caso de perguntar em que galáxia o honesto Herbert foi passar férias em março, quando um estudo inédito sobre as relações entre EUA e Israel apareceu no site da Universidade Harvard e na London Review of Books - nenhuma publicação americana o aceitou. O seu impacto só não foi maior que as agressões aos seus autores.

Quem o tiver lido não se perguntará por que a América, em seu próprio prejuízo, promove ou endossa sucessivas barbaridades no Oriente Médio, como ao dar carta-branca para Israel despejar o inferno sobre o Líbano, assim que o extremista Hezbollah, entrincheirado no sul do país, seqüestrou dois soldados em solo israelense. A única pergunta que resta é o que ainda precisa ocorrer - depois do 11 de Setembro, depois do monumental fracasso no Iraque, depois do revertério à vista no Afeganistão, depois do constante fortalecimento dos movimentos islâmicos radicais - para Washington se libertar da paradoxal tutela que o protetorado israelense exerce sobre a sua política exterior.

O Estado judeu é a cauda que abana o buldogue americano, e desse fenômeno único na atualidade mundial começou a se ocupar em 2002 uma dupla de acadêmicos de primeiro linha, expoentes da chamada escola realista em matéria de relações internacionais e que se declaram "filo-semitas, partidários ardorosos da existência de Israel". John Mearsheimer leciona Ciência Política na Universidade de Chicago. Stephen Walt, Política Internacional em Harvard. Eles sustentam que as ações americanas no Oriente Médio derivam quase todas de fatores internos, principalmente do formidável lobby israelense, que persuadiu os EUA de que os objetivos dos dois países são idênticos ou quase.

Graças ao sistema de prêmios e punições que esse aparato maneja com rara desenvoltura - o que os autores descrevem detalhadamente - há quase 40 anos, Israel é o maior receptor singular de assistência econômica e militar americana. São US\$ 3 bilhões por ano em ajuda direta, o equivalente a US\$ 500 anuais para cada cidadão israelense. A prodigalidade americana em relação ao Estado judeu - que, a contar de 1967, acumula US\$ 140 bilhões em valores atualizados - é

amplamente conhecida nos seus termos gerais. Mas os dados e fatos compilados pelos professores configuram uma relação especial sem paralelo: nem a URSS tratava Cuba tão bem. Só Israel, para se ter idéia, não precisa prestar contas dos dólares recebidos.

Jamais os americanos moveram uma palha para impedir o seu Estado-cliente de levar adiante o programa secreto que produziu um arsenal estimado em uma centena de ogivas atômicas. Ao mesmo tempo que encabeçam as pressões contra o programa iraniano de enriquecimento de urânio, os EUA bloqueiam sistematicamente qualquer debate sobre o armamento nuclear israelense.

Inabalavelmente fiéis, a contar de 1982, vetaram 32 resoluções do Conselho de Segurança da ONU desfavoráveis ao aliado - mais do que a soma dos vetos impostos por todos os outros membros do órgão. Em 2000, em Camp David, onde Arafat teria rebarbado a pax israelensis de Barak, "agimos mais que a maior parte do tempo como advogados dos israelenses", confidenciaria um negociador americano.

O alinhamento automático dos EUA a Israel chegou ao auge na segunda Intifada palestina, depois que Sharon se elegeu primeiro-ministro e Bush, presidente. A Casa Branca nunca deixou de condenar com as palavras mais duras os atentados suicidas contra civis israelenses, porém reagia com escandalosa indulgência às atrocidades contra civis palestinos nos territórios ocupados. Bush chegou a classificar como "homem de paz" o mesmo Sharon que um tribunal israelense julgou pessoalmente responsável pelo massacre de Sabra e Chatila, no Líbano ocupado em 1982. Dólares americanos tornaram possível a colonização da Cisjordânia, onde se instalaram 400 mil judeus (incluindo os das áreas anexadas de Jerusalém Oriental). A direita cristã, esteio do bushismo, ajuda diretamente os assentamentos.

O pior de tudo é o apoio de Washington ao expansionismo israelense - os "fatos consumados" de que fala Bush - e à barreira que avança Palestina adentro, em nome da segurança de Israel. O que conduz ao problema do terrorismo. Para Mearsheimer e Walt, a ameaça terrorista resulta da adesão incondicional dos EUA a Israel - e não o contrário (a adesão como efeito do terror).

A consequência é clara como o sol: para o mundo inteiro, exceto os EUA, Israel faz o que faz no Líbano - e na Palestina - "porque dispõe da extraordinária imunidade que lhe foi concedida pelos americanos", assinala Patrick Seale, um dos maiores especialistas britânicos em Oriente Médio. Daí o fim da legitimidade da liderança americana, salvo junto aos regimes autoritários ou abertamente despóticos, como os do Egito, da Jordânia e da Arábia Saudita. Eles temem os próprios povos e o "Crescente Xiita" de uma eventual aliança Irã-Iraque. Por isso, pela primeira vez condenaram publicamente o Hezbollah. E Bush não falará mais em promover a democracia no mundo árabe.

A autoridade moral que os EUA tiveram para atacar o Afeganistão, no pós 11/9, ficou desfigurada com a invasão do Iraque e se degradou de todo com a licença de Bush para Israel matar e destruir no Líbano até a remoção do Hezbollah - uma fantasia insana - sob a cruel pilhéria do cessar-fogo, sim, mas não já.

O resumo da tragédia é que, "em Israel e no Líbano, o sangue está sendo derramado, o horror está se intensificando, o preço está subindo", escreve o respeitado analista israelense Gideon Levy, no Haaretz. "E tudo para nada." (*O Estado de São Paulo*, 26.07.2006)

Terceira Guerra Mundial

Por Gideon Rachman

Se você está procurando uma mensagem reconfortante neste momento de crise internacional, não ouça Newt Gingrich. "Nós estamos nos estágios iniciais do que eu descreveria como a Terceira Guerra Mundial", diz o ex-líder da maioria na Câmara dos EUA, que é atualmente um membro da diretoria de Política de Defesa, do Pentágono. Gingrich não está sozinho em seu diagnóstico. Dan Gillerman, embaixador de Israel na ONU, disse na semana passada que: "A Terceira Guerra Mundial, creio, já começou. O que estamos vendo hoje no Oriente Médio é um capítulo dela". Até mesmo o presidente George W. Bush já endossou casualmente a idéia. Ele disse a um entrevistador de TV, em maio passado, que os passageiros que reagiram contra seus seqüestradores em 11 de setembro de 2001 tinham empreendido o "primeiro contra-ataque na Terceira Guerra Mundial". Simbolicamente, Bush colocou um busto de Churchill (um presente dos britânicos), no Salão Oval.

Em grande parte da Europa, qualquer argumento simultaneamente associado a Newt Gingrich, ao embaixador israelense na ONU e ao presidente Bush será provavelmente desqualificado por isso mesmo. Mas os que estão se referindo a uma "Terceira Guerra Mundial" merecem ser ouvidos atentamente. Basicamente, eles colocam dois pontos. O primeiro é que os extremistas islâmicos já estão combatendo uma guerra em diversas frentes. Combates estão acontecendo no Afeganistão, Iraque, Líbano e na Palestina - e um confronto com o Irã paira no horizonte. As pessoas inclinadas a desqualificar essa guerra em diversas frentes como sendo essencialmente um amplo conflito regional devem recordar que terroristas islâmicos também atacaram em Nova York, Madri, Londres, Bali e em outros lugares. O segundo argumento é o de que esses conflitos estão todos interligados, porque o islamismo é um "movimento totalitário inteiramente integrado" - nas palavras de Michael Gove, membro conservador do Parlamento britânico e autor de um livro sobre o assunto ("Celsius 7/7", Michael Gove. Orion books). Gove e neo-conservadores nos EUA argumentam que o islamismo é um descendente direto dos movimentos totalitários do século XX porque, como aqueles, é implacável e violentamente hostil à democracia ocidental liberal.

O governo britânico parece "esposar", ao menos em parte, esse argumento. O primeiro-ministro Tony Blair referiu-se a um "arco de extremismo" estendendo-se do Afeganistão ao Oriente Médio. E embora muitas autoridades britânicas, por temperamento, não se inclinem a falar em "terceiras guerras mundiais", elas efetivamente vêm vínculos preocupantes entre os diferentes conflitos. Uma das razões pelas quais os britânicos têm se revelado inesperadamente simpáticos ao empenho israelense em liquidar o Hezbollah é que eles acreditam que muitas das bombas à beira de estradas usadas para matar soldados britânicos no Iraque baseiam-se em tecnologia fornecida pelo Hezbollah.

Mas a idéia de um "movimento totalitário integrado" também tem algumas inconsistências evidentes. A concepção exige fazer praticamente nenhuma distinção entre o conflito árabe-israelense e a "guerra contra o terror". Ignora que Saddam Hussein não era islamita - e que foi a invasão do Iraque liderada pelos americanos que converteu o país em um pólo de atração para os "islamofascistas" (para empregar o termo preferido dos neocons). E a idéia encontra dificuldades para conciliar o fato de que a maior causa individual de derramamento de sangue no Oriente Médio, neste momento, é o conflito intestino entre extremistas sunitas e xiitas no Iraque. Na realidade, alguns daqueles que agora preocupam-se mais com a militância xiita tinham se convencido, alguns anos atrás, de que o problema real do Oriente Médio era o radicalismo sunita - e de que os xiitas eram uma peça fundamental da solução.

A Casa Branca diz que estamos engajados numa luta para salvar o Ocidente, mas ainda parece inconcebível que o governo reinstitua recrutamento militar

Mas o argumento mais revelador contra a tese de "Terceira Guerra Mundial" talvez seja o de que até mesmo muitos dos que o defendem não parecem crer em sua própria retórica. Na mesma entrevista à Fox News na qual Gingrich pintou "um quadro mundial de esforços para debilitar e destruir nossa civilização", ele foi indagado, por um entrevistador evidentemente embaraçado, sobre aqueles que argumentam: "Veja, essa é uma guerra cara, e talvez envolva aumentar os impostos sobre as faixas de alta renda para combatê-la". Gingrich foi totalmente contrário à idéia. A Terceira Guerra Mundial aparentemente não requer "um centavo de aumento em impostos". Evidentemente, não estamos ainda na fase do sangue, suor e lágrimas. O governo Bush está igualmente reticente. A Casa Branca afirma que estamos engajados numa luta para salvar a civilização ocidental. Mas continua praticamente inconcebível que o governo reinstitua o recrutamento militar - ou mesmo que eleve substancialmente os impostos sobre a gasolina - para ajudar a vencer essa luta.

Mas as constantes analogias entre a guerra contra o terror e a guerra contra o nazismo são, de fato, ainda relevantes. Escolha a analogia errada e você poderá também terminar elegendo a política errada. Slogans envolvendo "Munique" e conciliação foram ouvidos antes de alguns dos piores desastres de política externa nos últimos 60 anos - como a crise de Suez e a guerra no Vietnã. A mesma conversa foi ouvida antes da invasão do Iraque e é agora freqüente em relação ao Irã.

Mas houve outros acontecimentos, na história, além de conciliação, e há outras décadas com as quais poderíamos aprender lições, além dos anos 30. Na verdade, o conflito entre o liberalismo ocidental e o islamismo poderá terminar assemelhando-se mais à Guerra Fria do que à Segunda Guerra Mundial. Na Guerra Fria, as pessoas tiveram de acostumar-se à idéia de que a vida normal estava acontecendo contra o pano de fundo de riscos aterrorizantes que não podiam ser eliminados apenas por ação militar - à época, eram os mísseis soviéticos, e hoje é o medo de que um terrorista possa apropriar-se de uma bomba nuclear. A época, como hoje, houve episódios de "guerra quente" - na Coreia e em outros lugares. Mas a Guerra Fria terminou convertendo-se num enfrentamento entre ideologias e sistemas sociais - não entre exércitos.

O comunismo finalmente implodiu por não ter conseguido produzir prosperidade ou uma sociedade decente. O islamismo militante - uma filosofia medieval infeliz - acabará tendo o mesmo fim. No Irã, obrigado a viver sob um regime fundamentalista desde 1979, há ampla evidência de desilusão popular com o sistema, especialmente entre os jovens. É essa desilusão que constitui a melhor esperança para o tipo de "mudança de regime" realmente capaz de perdurar. Incapaz de oferecer a esperança de uma vida decente (pelo menos na Terra), o único real apelo recrutador islamita é um senso de humilhação muçulmana e a ira contra o Ocidente. Poderá haver outras ocasiões nas quais a "guerra contra o terror" exija ação militar.

Mas cada nova frente militar será ansiosamente saudada pelos islamitas como uma validação de sua visão de mundo. Não por acaso, o homem que prazerosamente abraçaria a tese de Gingrich - de uma "Terceira Guerra Mundial" - é Osama bin Laden. (*Valor*, 27.07.2006)

Diário de uma semana na vida e morte de Beirute

Israel faz um favor ao Líbano ao atacar o Hezbollah, diz um diplomata de Tel Aviv. Agora entendo. Os libaneses devem dar graças aos israelenses por destruir suas vidas e sua infraestrutura. Devem agradecer todos os ataques aéreos e crianças mortas. Até onde pode chegar o auto-engano?

Robert Fisk

Beirute. É a primeira vez que, na verdade, vejo um míssil nesta guerra. Voam demasiado rápido ou a pessoa está muito ocupada em correr para deter-se a olhá-los. Mas esta manhã Abed e eu vimos realmente um que atravessava o céu acima de nós. "Habibi (meu amigo)", grita. E eu respondo: "Dê a volta, dê a volta!", e nos afastamos dos subúrbios do sul, por nossa vida. Ao dar a volta na esquina há uma explosão e uma montanha de fumaça cinza surge da rua que acabamos de deixar. O que aconteceu aos homens e mulheres que vimos correr por sua vida do foguete israelense? Não sabemos. Nos ataques aéreos, tudo o que se vê são os poucos metros quadrados que tem ao seu redor. Você sai, sobrevive e é tudo.

Chego a meu apartamento, em Corniche, e vejo que não há luz. Pronto, sem dúvida, cortaram a água. Mas sento-me na sacada e penso que não estou atirado em um sujo hotel de Kandahar ou Basra, mas sim em minha própria casa. Os cortes de energia, o medo e a falta de gasolina agora que Israel bombardeia postos de serviço, significam que desapareceram as filas de veículos que rugem e disparam buzinas perto de minha casa até às duas horas da manhã. Quando desperto na noite, escuto as aves e as ondas do Mar Mediterrâneo, e o suave movimento das folhas das palmeiras.

Esta tarde fui comprar mantimentos. Já não há leite, mas há água, pão, queijo e pescado em abundância. Quando Abed estaciona para que eu desça, o motorista da camionete 4 por 4 que está atrás gruda a mão na buzina e, quando saio do automóvel, me lança as palavras "Kess uchtak" (um xingamento a minha irmã). É a primeira vez que me xingam nesta guerra. Habitualmente, os libaneses não insultam aos estrangeiros; são pessoas corteses. Estendo a mão com a palma para baixo e a volto para cima na forma que os libaneses usam para perguntar: "qual é o problema?", mas o outro se afasta. Seja como for, não tenho irmãs.

Segunda-feira, 17 de julho. O telefone ainda funciona e meu celular começa a cantar como um passarinho. Muitas chamadas são de amigos que querem saber se devem fugir de Beirute ou do Líbano, ou de libaneses que estão fora do Líbano e querem saber se devem regressar. Escuto rugir as bombas na zona do Hezbollah, nos subúrbios do sul, mas não posso responder

a essas perguntas. Se aconselho meus amigos a ficarem, e eles são mortos, serei responsável. Se disser a eles que partam e eles forem mortos em seus automóveis, serei responsável também. Assim, comento o quão perigoso o Líbano se tornou e lhes digo que a decisão é toda deles. Mas sinto muita pena por eles. Muitos já foram refugiados quatro vezes em 24 anos. Hoje, me chamou uma mulher libanesa que também tem a cidadania iraniana. Um de seus filhos tem passaporte norte-americano e outro somente passaporte libanês. Sua situação é de desespero. Sugiro que parta para as montanhas cristãs dos arredores de Faraya e trate de encontrar uma cabana. Ali estará segura. Assim espero.

Regresso de Kfar Chim, onde o pedaço de um míssil israelense ou da asa de um avião acaba de arrancar parte da cabeça de um motorista em seu carro. Seu aspecto é trágico: a cabeça lançada adiante no assento, como se olhasse todo o sangue que escorre de seu corpo no piso. Abed fica nervoso porque passou demasiado tempo no lugar: os israelenses sempre retornam. “Habibi, demorou demais. Nunca mais fique tanto tempo!” Ele tem razão. Os israelenses retornam e bombardeiam o exército libanês.

Agora, quem está mortificada é Fidele, minha empregada. Ela acha muito perigoso ir do distrito cristão de Beirute até minha casa porque os israelenses voaram perto do farol local, a 400 metros de minha porta. Fidele vem do Togo e prepara umas pizzas deliciosas (recomendo a qualquer um sua pizza togolesa). Peço a Abed que vá pegá-la e a traga para casa. Ela põe na máquina de lavar minha roupa suja e, cinco minutos depois, a luz se vai e temos que tirá-la toda para voltar a tentar amanhã.

Terça-feira, 18 de julho. Às 3:45 da madrugada, desperto ao ouvir o barulho das esteiras de um tanque e do motor de um veículo militar que avança na escuridão. Desço para descobrir que o exército libanês postou um veículo de transporte de pessoal de fabricação norte-americana no estacionamento em frente. Colocaram-no estrategicamente sob umas palmeiras, como se, com isso, não pudesse ser visto pelos aviões israelenses. A idéia não me agrada, nem a meu caseiro, Mustafá, que vive no andar abaixo. O exército libanês é agora um alvo ocasional dos israelenses e esse pequeno monstro tem todo o aspecto de uma palmeira disfarçada de tanque. Pela manhã, telefono a um general que é meu amigo e o setor de operações do exército me devolve a chamada para verificar a localização. Passa uma hora antes que encontrem o estacionamento em seus mapas. Logo recebo outra chamada para dizer-me que a unidade está em frente da minha casa para evitar que o Hezbollah use o estacionamento para lançar um outro míssil contra um barco israelense. Um pouco mais além, ainda na minha rua, está a Escola da Comunidade dos EUA. O exército libanês nos protege.

Chega o primeiro barco de guerra francês para recolher cidadãos de seu país que fogem do Líbano. Passa com orgulho em frente à minha sacada. Muitos navios franceses levam o nome de grandes chefes militares, e esta fragata anti-submarino, em particular, chama-se Jean-de-Vienne. Consulto minha pequena biblioteca sobre a história da França e descubro que Jean-de-Vienne era um almirante do século XIV que invadiu a povoação de Rye, em Sussex, e a ilha de Wight, e que morreu – oh, céus – combatendo aos turcos muçulmanos nas cruzadas. Um barco apropriado para começar a evacuação francesa do antigo porto cruzado de Beirute.

Quarta-feira, 19 de julho. Agora que os israelenses estão destruindo edifícios inteiros de apartamentos nos subúrbios xiitas do sul – existe uma permanente nuvem de fumaça sobre a costa, adentrando o Mediterrâneo –, dezenas de milhares de muçulmanos xiitas buscam refúgio na parte ilesa de Beirute, nos parques e escolas e ao lado do mar. Caminham em frente a minha casa de um lado para outro; as mulheres levam o chador e seus maridos e irmãos barbudos olham o mar em silêncio, enquanto as crianças jogam felizes ao redor das palmeiras. Falam com raiva de Israel, mas optam por não comentar o profundo cinismo do Hezbollah xiita, que provocou a brutalidade israelense ao capturar dois soldados. Além do Hezbollah, os israelenses dirigem agora seus ataques a fábricas de alimentos, caminhões e ônibus – sem mencionar 46 pontes – e os caminhões que recolhem o lixo não conseguem recolher os sacos de lixo e detritos que se acumulam pelas noites, por medo de serem confundidos com um lançador de mísseis. Assim, nesta manhã, ninguém recolhe o lixo.

Os jornais locais estão cheios de fotografias que jamais serão vistas nas páginas de um diário britânico: bebês decapitados e mulheres sem pernas ou braços, ou anciãos despedaçados. As incursões aéreas israelenses são promíscuas – quando se enxergam os resultados como temos visto com nossos próprios olhos – e obscenas. Sem dúvida, as vítimas igualmente inocentes do Hezbollah em Israel têm o mesmo aspecto, mas a matança no Líbano é de uma magnitude

muito mais terrível. Os libaneses contemplam essas imagens e as vêem na televisão – como o resto do mundo árabe – e me pergunto quantos são induzidos a pensar em outro 11 de setembro ou qualquer que seja a próxima data.

O que a guerra faz a esta gente? Mais tarde encontro uma jornalista austríaca e lhe pergunto distraidamente a que se dedica seu pai. “A beber”, diz. Por quê? “Porque mataram seu pai em Stalingrado”.

Cruzo a rua para levar chá aos soldados que estão no estacionamento. Todos são muçulmanos xiitas de Baalbek. Jamais abrirão fogo contra um veículo com mísseis do Hezbollah. Logo volto para casa de outra visita aos subúrbios do sul e descubro que eles foram embora junto com seu monstro. A primeira boa notícia do dia.

O ministro de Finanças realiza hoje uma coletiva de imprensa para falar dos bilhões de dólares de danos causados ao Líbano pelos ataques israelenses. “Recebemos promessas de ajuda da Arábia Saudita, Kuwait e Qatar”, anuncia com orgulho. “E do Irã e da Síria?”, pergunta o jornalista da rádio, citando os principais patrocinadores do Hezbollah no mundo árabe. “Nada”, responde o ministro de forma cortante.

Quinta-feira, 20 de julho. Um dia de más notícias. Chamadas dos Estados Unidos para dizer-me que sou um anti-semita por criticar Israel. Aqui vamos de novo. Chamar de anti-semitas pessoas decentes logo acabará tornando o anti-semitismo algo respeitável, respondo a eles, e peço que digam à força aérea israelense que pare de matar civis. Um fax de um amigo judeu, da Califórnia, me diz que um tipo chamado Lee Kaplan – colunista do “Noticiário Nacional de Israel”, seja isso o que for, condenou-me por desenvolver “uma carreira altamente lucrativa de orador entre anti-semitas”. Diferentemente de Benjamin Netanyahu e muitos outros que me vêm à mente, jamais cobrei para dar uma conferência – jamais -, mas tachar de anti-semitas aos milhares de norte-americanos comuns que me escutam é escandaloso.

Outro fax vem do editor da próxima edição de meu livro, que se desculpa por me incomodar em um “momento tão difícil (sic)”, mas promete enviar-me provas da impressão pelo DHL, que ainda funciona em Beirute. Vou ao centro para confirmar com a empresa de entrega. Sim, me diz o funcionário, os pacotes com destino ao Líbano são enviados para a Jordânia e dali seguem de caminhão para Beirute, via Damasco. De caminhão, penso. Céus.

Sexta-feira, 21 de julho. Os israelenses acabam de bombardear a prisão de Kham. Um alvo interessante, porque é o cárcere no qual a antiga milícia aliada de Israel, o Exército do Sul do Líbano (ESL), torturava os prisioneiros atando-lhes eletrodos no pênis e, no caso das mulheres, nos seios, eletrocutando-os. Quando o exército de Israel se retirou, em 2000, o Hezbollah converteu a prisão em museu. Agora a evidência da crueldade do ESIL se apagou. Outro alvo “terrorista”.

A energia elétrica volta a minha casa às 11 da noite e vejo o cônsul geral israelense, Arye Mekel, declarar à BBC que Israel “faz um favor ao Líbano” ao bombardear o Hezbollah, e insiste que “a maioria dos libaneses aprecia o que estamos fazendo”. Agora entendo. Os libaneses devem dar graças aos israelenses por destruir suas vidas e sua infra-estrutura. Devem agradecer todos os ataques aéreos e crianças mortas. É como se o Hezbollah dissesse que os israelenses deveriam se sentir agradecidos por ele atacar o sionismo. Até onde pode chegar o auto-engano?

Sábado, 22 de julho. Tomo café no jardim de meu caseiro, enquanto ele sobe a figueira com uma escada para baixar-me um prato de frutas. “Nos dá figos todos os dias”, diz. “Nos sentamos a sua sombra à tarde; a brisa do mar é como um ar condicionado”. Contemplo seu pequeno paraíso de plantas e bebo meu café árabe servido em uma pequena taça azul. Observamos os barcos de guerra deslizarem até o porto de Beirute. “O que acontecerá quando todos os estrangeiros tiverem ido embora”, pergunta. Isso é o que todos nós perguntamos. Saberemos na próxima semana.* Publicado originalmente no jornal *The Independent** Tradução do espanhol: Marco Aurélio Weissheimer (*Carta Maior*, 26.07.2006)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes

<http://www.cnmcut.org.br>